

Ndzila

ECONOMIA & NEGÓCIOS

EDIÇÃO 2 - MAIO



"É COM BONS OLHOS QUE VEMOS A RETOMA DO FMI A MOÇAMBIQUE, MAS EXIGIMOS UM SISTEMA TRANSPARENTE POR PARTE DO GOVERNO".

BITONE VIAGE



EMPREENDEDORISMO NO UNIVERSO DA MODA

ANTÓNIO MACHEVE JÚNIOR



"O NOSSO PAÍS POSSUI MAIS DE 25 MILHÕES DE JOVENS. NÃO PODEMOS MENTIR E AFIRMAR QUE TODOS SERÃO EMPREENDEDORES, MINISTROS E PRESIDENTES".

DÁRIO CAMAL



NÃO EXISTE NENHUM MODELO ADOPTADO PARA PROMOVER A TRANSPARÊNCIA NA INDÚSTRIA EXTRACTIVA EM MOÇAMBIQUE.

JOÃO MOSCA

DESASTRES NATURAIS E GUERRA COMPROMETEM ROBUSTEZ EMPRESARIAL

EM 2%

AGOSTINHO VUMA

FIGURA DO MÊS



FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL: LETÍCIA MACHAVA

PRODUÇÃO EXECUTIVA: SIMÃO DJEDJE

REDACÇÃO & REVISÃO LINGUÍSTICA: DANIEL JACINTO E GERSON PAGARACHE

REPÓRTERES: CLÁUDIA NHANCASSA

FOTOGRAFIA: DIGI PUBLICIDADE

DESIGN & PAGINAÇÃO: DIGI PUBLICIDADE

IMPRESSÃO & ACABAMENTO: DIGI PUBLICIDADE

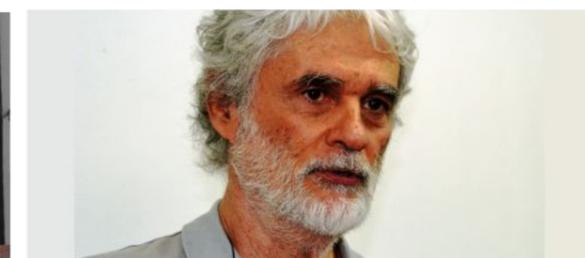
TIRAGEM: 100 EXEMPLARES



**DESASTRES NATURAIS E
GUERRA COMPROMETEM
ROBUSTEZ EMPRESARIAL
EM 2%**

AGOSTINHO VUMA

CONTEÚDOS



02

ARTIGO - ROSSIMINA ALI

Emprego, rupturas e desafios de transformação socio económica em Moçambique

03

ANTÓNIO MACHEVE JUNIOR - CAFÉ EMPREENDEDOR

"Já disponibilizamos os nossos artigos em treze mercados internacionais, refiro-me a mercados europeus, Estados Unidos, África Austral e Ásia, especificamente na Índia".

04

GRANDE ENTREVISTA - DÁRIO CAMAL

"O nosso país possui mais de 25 milhões de jovens. Não podemos mentir e afirmar que todos serão empreendedores, ministros e presidentes"

05

BINDZU - STARTUP GROWTH

Juventude como promotora da inovação
Em moçambique

06

AMECON

Subida de preço de combustível empobrece o povo moçambicano

07

DESFECHO DAS NEGOCIAÇÕES ENTRE O GOVERNO E O FMI: "Agora que o FMI voltou, precisamos fazer discussões que sejam mutuamente vantajosas".

08

ENTREVISTA INFORMATIVA - JOÃO MOSCA

Não existe nenhum modelo adoptado para promover a transparência na Indústria Extractiva em Moçambique.

09

O QUE A SOCIEDADE PENSA?

"O país já tem muitas leis e regras, isso é só mais uma forma de comer dinheiro".

10

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A educação financeira não deve apenas ser tratada nas escolas e sim em todos ambientes

11

NOTAS ECONÓMICAS

Moçambique lucra 20 milhões de dólares com venda de activos da vale



DESASTRES NATURAIS E GUERRA COMPROMETEM ROBUSTEZ EMPRESARIAL EM 2 PONTOS PERCENTUAIS

AGOSTINHO VUMA - CTA

O Índice de Robustez Empresarial, a nível nacional, registou uma queda de dois pontos percentuais durante os primeiros 3 meses do ano corrente, comparado ao igual período no ano passado, caindo dos 29 % para 27 %.



A preocupante notícia foi partilhada pelo Presidente da CTA, Agostinho Vuma, na cidade de Beira, durante a 8ª edição do Economic Briefing, um evento onde os empresários interagem entre si sobre tendências do desempenho empresarial.

Dos factores citados, que levam à queda de 2 pontos percentuais na robustez empresarial de Moçambique, destacam-se: o impacto das mudanças climáticas e a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Apesar de a queda ser a nível nacional, as províncias de Sofala e de Zambézia registaram melhorias significativas, integrando o top 5 das províncias com melhor desempenho económico.

Por consequência, o Índice de Tendências de Emprego também abrandou, tendo passado de 125.9 para 115.0, descendo 10.9 pontos, o que “revela que, por um lado, a obtenção de emprego em Moçambique tendeu a ser relativamente mais difícil no I Trimestre de 2022 em relação ao IV Trimestre de 2021” e, por outro lado, as empresas moçambicanas mostraram-se mais dispostas a contratar trabalhadores temporários, no I Trimestre de 2022, do que trabalhadores permanentes.

Quanto ao Índice do Ambiente Macroeconómico, a avaliação feita pela CTA indica uma redução de 50 % para 49 %, acelerando a subida dos preços ao nível geral, num contexto de estabilidade cambial e das taxas de juros de referência. “A nossa análise conclui que no I trimestre de 2022 houve uma contração no desempenho empresarial, facto que demanda a tomada de medidas para assegurar a almejada recuperação empresarial”.

Foram partilhados, na reunião, os temas de debate levantados durante a XVII CASP, realizada em Março último, onde se destacou a necessidade de melhorar o ambiente de negócios para atracção de investimento privado nacional e internacional, o que requer reduzir o número de dias e de procedimentos para o licenciamento empresarial e reduzir o custo ao financiamento.

Na última edição do Economic Briefing, discutiu-se, também, a necessidade de fortalecer a capacidade e o papel do turismo como factor dinamizador da economia através de uma maior competitividade deste sector, assim como o imperativo de assegurar a transformação e modernização dos modelos de produção, do comércio interno e externo, com enfoque para o aumento da contribuição do sector da indústria no PIB e o aumento de número de empresas e de produtos certificados em padrões exigidos a nível nacional e internacional.

Por fim, salientou-se a necessidade de liquidação das dívidas do Estado junto do sector privado e da revisão do quadro legal no sector de logística, para que seja adequada à realidade actual.

ÍNDICE DE ROBUSTEZ EMPRESARIAL I TRIMESTRE DE 2022



VEJA EM DESTAQUE
WWW.NDZILA.CO.MZ



EMPREGO, RUPTURAS E DESAFIOS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIOECONÓMICA EM MOÇAMBIQUE

Rosimina Ali - (Economista, Investigadora do Instituto de Estudos Sociais e Económicos, IESE)

O emprego tem sido destacado nas políticas públicas em Moçambique, mas continuam negligenciadas as suas inter-relações com dinâmicas de (re)produção social. Isto é problemático para a análise dos mercados de trabalho reais, porque as estruturas de trabalho (que incluem emprego) são geradas pelas (e geram as) condições de (re)produção social – invisíveis na visão dominante sobre mercados de trabalho, devido a persistência de preconceitos ideológicos e lacunas metodológicas na recolha de dados, assentes num método de análise dualista da natureza da economia e dos mercados de trabalho, que ignoram a diversidade/interdependência/diferenciação de formas de trabalho, dividindo-o em dicotomias (formal/informal, pago/não pago, produtivo/reprodutivo, emprego/auto-emprego).

CERCA DE 90% DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ACTIVA (PEA) TEM UMA OCUPAÇÃO INFORMAL E CERCA DE 70% ESTÁ NA AGRICULTURA, SEGUNDO O CENSO

Sob uma lente de reprodução social, as inter-relações entre diferentes formas de ocupação são ignoradas por, por exemplo, excluir o trabalho não remunerado e negligenciar formas de trabalho assalariado (emprego) casuais e informais, quer agrícola quer não agrícola. Este dualismo, evidenciado no actual e anterior Programa Quinquenal do Governo (PQG) e na Política do Emprego, limita o entendimento, a formulação e a efectividade das políticas públicas.

Apesar do enfoque das políticas públicas na criação de emprego, o emprego precário multiplicou no país. Estas políticas pressupõem, implicitamente, que ter uma ocupação vagamente definida como emprego automaticamente reflecte-se na redução da pobreza, independentemente das suas condições sociais. O PQG 2020-2024 prevê a geração de cerca de 3 milhões de novos empregos até 2024. Os mecanismos pelos quais o emprego pode reduzir a pobreza permanecem não discutidos. Além disso, a questão central não é a meta da quantidade de empregos, mas as condições sociais de trabalho; o emprego por si só não reduz a pobreza e pode reproduzi-la se gerado à custa da diminuição dos salários reais, da precariedade das condições sociais de trabalho e da fragmentação dos modos de vida. Até que ponto a estrutura da economia de Moçambique promove/restringe a criação de emprego não precário ou de qualidade?

Há contradições entre a quantidade e a qualidade do emprego gerado no sistema social de acumulação dominante em Moçambique.

A natureza extractiva da economia reproduz a dependência em produtos primários para exportação (mineral-energéticos e agro-industriais), sem ou com mínimo processamento e limitadas ligações na economia, na importação de bens básicos de consumo e produção, e é estruturada sobre a inflação de bens e serviços básicos, taxas de juro elevadas, expropriação dos recursos e da força de trabalho, e uma limitada base fiscal.

Esta estrutura económica tem sido incapaz de gerar emprego decente, criando rupturas na organização do trabalho – dominada por trabalho irregular e instável, baixos salários e condições sociais inseguras e precárias – e não assegurando as condições gerais de reprodução social da força de trabalho, com fraca provisão pública de bens e serviços básicos acessíveis a maioria da população. O sistema de trabalho, baseado na intensificação do trabalho, e as condições de emprego no modo actual de organização produtiva nas agro-indústrias é um exemplo (Figura 1).

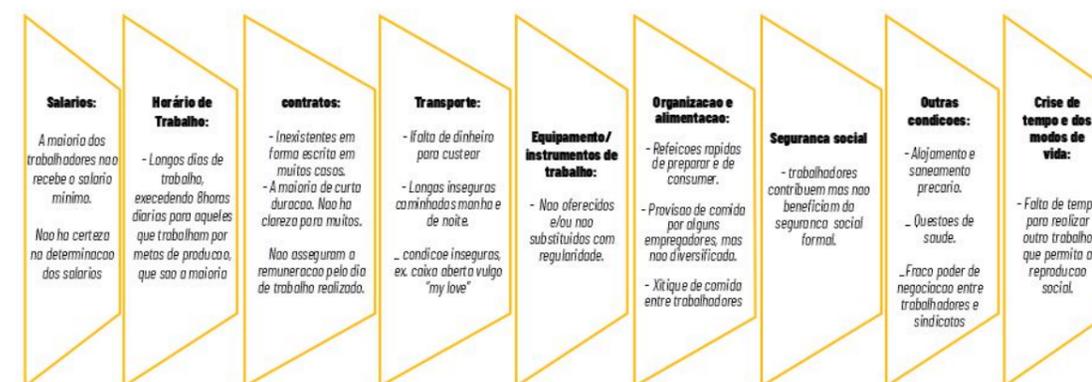


Figura 1: Rupturas no trabalho, remuneração e modos de vida nas agro-indústrias

A casualização e alta rotatividade limitam a organização de grupos heterogêneos de trabalhadores, com fraco poder negocial, e os sindicatos precisam considerar as condições do trabalho além das 'agro-indústrias'.

Além disso, a expropriação da terra e o (sub)desemprego inibem os trabalhadores/famílias de desenvolver actividades complementares para compensar a precariedade do emprego.

Portanto, as condições sociais de emprego transcendem o 'local produtivo', sendo definidas pelas condições gerais de reprodução social da força de trabalho, e vice-versa.

Entender e abordar as tensões dos mercados de trabalho sob uma perspectiva ampla de (re)produção social é essencial para iluminar processos de transformação socioeconómica. Nas agro-indústrias, é necessário transformar as suas estruturas produtivas para mudar a baixa qualidade de emprego e melhorar as condições de vida através da criação do emprego e permitir alguns canais de redistribuição da riqueza.

A criação de emprego decente está associada aos padrões de acumulação, produção e distribuição. A incapacidade da economia de prover empregos de qualidade, bens e serviços básicos e protecção social, indispensáveis a reprodução social da força de trabalho, reflecte a dinâmica de um padrão de crescimento incapaz de reduzir a pobreza, agravando a fragmentação de modos/condições de vida, e intensificando as desigualdades sociais.

É preciso transformar o padrão de crescimento económico para uma base produtiva diversificada, alargada e articulada, capaz de prover bens e serviços básicos de consumo, sobretudo alimentação, permitindo incrementos do salário real, reduzindo o custo de vida, com uma força de trabalho mais competitiva e com melhores condições de vida, e assegurando a reprodução social da força de trabalho. Isto requer repensar dois componentes interligados.

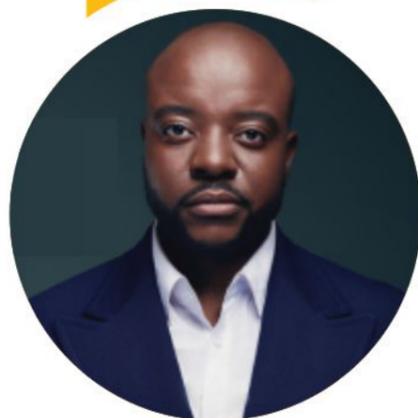
O primeiro - o tipo de economia, ou seja, pensar estruturalmente no que a economia produz, como, para quê, quem produz, quem beneficia da produção, qual é o padrão da distribuição da produção e do rendimento; O segundo - o sistema de provisão, que não se resume em sistema de produção envolvendo componentes como a circulação, disponibilidade e relações sociais produtivas e de poder. Respostas redistributivas ao nível da protecção social adicionais são necessárias para reduzir os altos custos da reprodução social suportado pelos trabalhadores e reverter a posição residual de Moçambique nas cadeias globais de valor, que perpetuam relações sociais de exploração, alienação e expropriação.



O FUTURO DO RECRUTAMENTO ESTÁ A CHEGAR!

RECRUTAMOS AS PESSOAS CERTAS PARA SUA EMPRESA.





CAFÉ EMPREENDEDOR

EMPREENDEDORISMO NO UNIVERSO DA MODA - ANTÓNIO MACHEVE JÚNIOR

“Já disponibilizamos os nossos artigos em treze mercados internacionais, refiro-me a mercados europeus, Estados Unidos, África Austral e Ásia, especificamente na Índia”.



1. É um estilista empreendedor, como foi trilhar os caminhos do sucesso?

António Macheve Júnior (AJ): O sucesso é relativo. Considero-me um indivíduo bem-sucedido porque sou feliz com o que faço e estou bem comigo mesmo e com as pessoas mais próximas a mim. Esta é, para mim, a definição de sucesso: felicidade, sentir-se bem e estar saudavelmente bem.

Relativamente à marca XIPIXI, sinto que o seu desenvolvimento está num bom ponto. Este ano celebramos dez anos da sua existência. Desde às vésperas do mês de Novembro, em 2012, já disponibilizámos os nossos artigos em treze mercados internacionais. Refiro-me a mercados europeus, Estados Unidos, África Austral e Ásia, especificamente na Índia. Temos clientes que fazem compras online e clientes que compram os artigos nas nossas lojas e revendem os produtos XIPIXI na África do Sul e Moçambique, assim como os que exportam os produtos para os seus países.

Essas são as regiões por onde a nossa marca já passou e por onde temos feito as vendas. Se falamos de uma marca que cresceu em curto tempo, considero a XIPIXI uma delas. Mas, cada empreendimento tem os seus desafios e o nosso, neste momento, é o de criar estruturas de negócio – a logística, gestão financeira, a gestão tecnológica e muito mais – baseadas na África Austral, suficientemente sólidas para servir o mundo inteiro sem sobressaltos. Essa tarefa não é fácil. Mas, aos poucos, estamos a atingir os nossos objectivos.

2. Quando surgiu o gosto pela moda?

AJ: É difícil dizer. Aos quatro anos, os meus pais levaram-me a um casamento e compraram-me um fato, muito bonito, que usei na catedral, isto em Paris. Assim que me vi bem vestido, apaixonei-me pela aparência. Mas, depois decidi seguir a carreira de diplomata. Foi por isso que eu fiz a licenciatura em Ciências Políticas. Ali começou o sonho de ser diplomata.

Entretanto, nos anos 1999 e 2000, eu gostava muito de desenhar e gostava de copiar as campanhas de moda de uma revista de Hip-Pop dos Estados Unidos. Gostava tanto de esboçar aqueles fatos de treino de fila que os rappers usavam na altura, como Jay-Z. Eu gostava de copiar o que via na revista e fazer algumas alterações. Contudo, pelo mundo da Bussines We Fashion, interessei-me em 2012, porque andava desempregado há dois anos. Tentei ingressar em várias organizações, mas sem sucesso. Fiquei frustrado. Depois me ergui. Procurei fazer qualquer coisa que me ocupasse e me desse dinheiro. Pensei e concluí: a moda, claro. Todo mundo quer vestir.

A indústria da moda não tem como morrer. Comecei por fazer calções. Um dia desses, um jovem que morava na minha zona, cá em Maputo, disse-me: gostaria de ter um par de calções. Eu confirmei que faria. Naquele tempo, eu não tinha nenhuma marca e não sabia de nada sobre marcas e negócios. Então, decidi comprar panos no mercado Madruga, em Matola, uma capulana de 125mts.



Mandei fazer um par de calções por 175mts, então gastei 200mt. De seguida, vendi por 800mts. A margem de lucro foi de 600mts. Assim, a partir daí, comecei a ganhar vida no mercado da moda, fazendo pesquisas das melhores marcas da moda, como a Louis Vuitton, a GUCCI, a Azzedine Alaia, entre outras. Estudei essas para poder ganhar experiência no mercado da moda e perceber como posso tentar criar uma marca com este padrão de qualidade internacional, mas com uma identidade moçambicana ou africana.

3. Em Moçambique, o conceito de moda é muito vago. Que caminhos teve que seguir para afirmar a sua identidade?

AJ: A moda é muita coisa. A moda é uma indústria bilionária no mundo, até que o ser humano não decida andar despido. Essa é uma indústria que sempre terá oxigénio para respirar; uma indústria que emprega todo tipo de pessoa

Para a gestão de uma marca de moda que faz vendas ao nível internacional é necessário que se tenha um gestor financeiro, contabilistas, recursos humanos e um director executivo que tome decisões empresariais, para que dê um sentido bom a marca.

4. A XIPIXI já alcançou os mercados da África Austral, da Europa Ocidental, da Ásia e dos Estados Unidos da América. Com este feito, sente-se realizado?

AJ: Sim, sinto-me realizado. Sobretudo, por ter tido esta oportunidade de alcançar os objectivos pretendidos, porque isto fazia parte do plano que eu tinha há dez anos e conseguimos alcançar esses objectivos em cinco.

Actualmente, é mais fácil conquistar o mercado internacional devido às redes sociais. Mas o que me ajudou bastante foi ter vivido em vários lugares por muito tempo. Foi lá onde eu e a equipa conseguimos fazer a marca crescer gradualmente.

5. Quer comentar sobre as vantagens que emergem da internacionalização da sua marca?

Várias. A exposição. Cada vez que elencam um produto da marca XIPIXI, mais clientes aparecem, seja ao nível nacional ou internacional. É um orgulho ter uma marca moçambicana em território estrangeiro. Sinto-me realizado quando vejo alguém a usar um artigo XIPIXI em Amsterdam e procuro, às vezes, hashtags da marca XIPIXI nas redes sociais para ver essas notícias. Fico feliz. Isto também serve como um bom estímulo para os criadores moçambicanos, para observarem que é possível. Geralmente, só nos damos conta de que é possível alcançar algo quando olhamos para alguém próximo que o tenha feito.

6. Qual é o seu público-alvo? Considera a sua marca um produto de elite?

É uma marca de alta gama. Mas, sendo um negócio, ele é aberto para todo o mundo. Qualquer pessoa que decidir comprar o produto, independentemente daquilo que a sociedade chama de classe social, o produto é bom e está disponível para todos.

Não fazemos roupas para a elite. Mas, por consequência da qualidade daquilo que eu faço, conquisto também clientela de elite.

A outra coisa que tentamos fazer é criar linhas de acessórios mais acessíveis, especificamente para os jovens. Portanto, fazemos alguns produtos que são acessíveis para que possam ter essa experiência de usá-los.

7. Sendo a vestimenta uma forma de ser e estar no meio social, também é para si uma forma de manifestar alguma coisa?

Sim. Confiança e auto-estima. Nota-se em todas as nossas campanhas publicitárias, que honrar o cavalheirismo é o nosso principal objectivo. Essa é a nossa maneira de estar e as nossas roupas não são nada tímidas, mas atrevidas, sempre em tom moderado. Mas também produzimos roupas conservadoras e os nossos clientes gostam dessa distinção.

8. Que melhores momentos marcam a sua carreira enquanto percursor do universo da moda?

Diria que foi no desfile Mercedes Benz Fashion Week Joburg, em 2016. Foi o desfile que expôs a marca do segmento de alta gama no mundo da moda internacional. Esteve lá a Revista Vogue Itália, fotógrafos e blogueiros internacionais que falaram muito sobre a colecção. Foram exibidos, também, artigos vestidos na gala Emmy Awards de Hollywood. Esse momento tornou-se histórico. No mesmo ano, fizemos o lançamento da marca XIPIXI em Moçambique, um dos momentos mais alegres para mim.

9 Ao nível dos consumidores nacionais, sente que as pessoas estão conscientes da dimensão de responsabilidade social apresentada pela marca? E o que acha que influencia a sua decisão de compra?

Sim, dando oportunidade de emprego aos jovens moçambicanos. Em 2017, fui convidado pela marca de Whiskey Single Mont, uma marca de Whiskey de alta gama. Esse desfile ocorreu em Johannesburgo. Deram-me algum orçamento que me possibilitava contratar os melhores criadores sul africanos, modelos profissionais. Mas o desfile contou com jovens moçambicanos, Djs e cantores. A banda era constituída pelos moçambicanos Hélder Gonçalo,

como baixista e Regina dos Santos como cantora. Eu poderia ter contratado uma banda sul africana para poder poupar os custos.

A cobertura do evento também contou com três jovens moçambicanos: Sousa Domingos, Douglas Condzo e o Denilson Pombo, jovens brilhantes. Portanto, acredito eu que tudo isso serviu de exemplo para o nosso país, o de darmos mais oportunidades aos nossos jovens.

10. Pode a moda ajudar a construir um país?

Sim, dando oportunidade de emprego aos jovens moçambicanos. Em 2017, fui convidado pela marca de Whiskey The Glenlivet, uma marca de Whiskey de alta gama. Esse desfile ocorreu em Johannesburgo. Deram-me algum orçamento que me possibilitava contratar os melhores criadores sul africanos, modelos profissionais. Mas o desfile contou com jovens moçambicanos, Djs e cantores. A banda era constituída pelos moçambicanos Hélder Gonzaga, como baixista e Regina dos Santos como cantora. Eu poderia ter contratado uma banda sul africana para poder poupar os custos. A cobertura do evento também contou com três jovens moçambicanos: Sousa Domingos, Douglas Condzo e o Denilson Pombo, jovens brilhantes. Portanto, acredito eu que tudo isso serviu de exemplo para o nosso país, o de darmos mais oportunidades aos nossos jovens.

ANUNCIE AQUI



MAIS DE 6 CANAIS
DE COMUNICAÇÃO



ALCANCE
+100 000 PESSOAS



LEITORES
ASSÍDUOS

+258 84 000 0000 | geral@ndzila.co.mz

[in](#) Revista Ndzila | [f](#) Revista Ndzila | [@](#) Revista.Ndzila | [globe](#) www.ndzila.co.mz



Caixinhas
para marcar
momentos
especiais

desconto de
20%



PEDE JÁ A SUA
+258 87 238 5378



“O NOSSO PAÍS POSSUI MAIS DE 25 MILHÕES DE JOVENS. NÃO PODEMOS MENTIR E AFIRMAR QUE TODOS SERÃO EMPREENDEDORES, MINISTROS E PRESIDENTES”.

DÁRIO CAMAL

Dário Camal é um jovem empreendedor, social, escritor e activista para assuntos da juventude e diplomata moçambicano com mais de 50 prémios internacionais ligados à área da juventude, negócios e áreas afins. A sua inserção na vida pública é consequência dos seus feitos de relevo ao apoiar e dirigir causas relacionadas com a defesa dos direitos humanos, humanismo, defesa de ideais Pan-africanistas, entre outros movimentos que o levaram a ocupar um lugar de destaque na União Africana, tornando-se o membro mais jovem naquele órgão de decisão.

À conversa com Ndzila, para além de trocar ideias sobre o seu percurso em associativismo, os seus livros, colhemos a sua visão económica de Moçambique centrada na força juvenil.

Moçambique tem quase 25 milhões de jovens (na faixa etária entre 15 e 29 anos). O que isso significa em termos de oportunidades e desafios para o desenvolvimento do país? Estamos preparados, em termos de políticas públicas, para lidar com essa realidade?

“Juventude é riqueza e deve-se instruir esses jovens, para que não sejam bêbados e drogados daqui a alguns anos”

Juventude significa capital humano. Significa riqueza, energia, presente e futuro, sobrevivência da nação. Juventude é geração com a capacidade de inovar e trazer outros ganhos como país. Acho que juventude significa tudo isso.

A nossa juventude pode fazer a diferença. Olhando para Moçambique, os números mencionados anteriormente significam que o tempo de mudança é hoje. É hora de mudar a narrativa e o discurso. Não devemos só olhar para o número, mas sim para aquilo que esses números podem trazer de diferente nos próximos anos enquanto nação jovem.

“Quando um jovem caminha em direcção às suas metas, está contribuir para toda a nação”

Publicou um livro recentemente, intitulado “Fórmula Secreta do Sucesso”. Que lições e respostas esta obra traz em vista a impulsionar o desenvolvimento de negócios, projectos e acções que estimulem uma transformação social, tal como o título sugere?

ganhar, sonhar grande sem desistir. O caminho faz-se andando mesmo, sem sabermos para onde vamos. Muitas vezes quando falamos de empreendedorismo, olhamos para os outros países, como os do ocidente. Não podemos comparar a nossa realidade com a daquelas pessoas. Não estamos no mesmo nível de mentalidade e nem escolaridade. O nosso nível de oportunidades para fazer negócios é diferente. O nível de governação que essas pessoas têm também é diferente.

Não podemos falar de empreendedorismo enquanto ainda existirem distritos sem energia. Moçambique tem que passar por um processo. Temos que acordar e parar de vender ilusões. Nem todo moçambicano de sucesso precisa ser empreendedor. O jovem que lava carros é tão importante quanto os médicos.

A nossa sociedade deve crescer de forma gradual e equilibrada. Se vendermos ilusões, frustraremos as pessoas. O nosso país possui mais de 25 milhões de jovens. Não podemos mentir e afirmar que todos serão empreendedores, ministros e presidentes. Nós devemos explicar à nossa sociedade a importância do papel que cada um exerce na sua comunidade. Somos empreendedores quando cada um começa a fazer pequenas coisas dentro de casa, da aldeia e da comunidade.





“SER EMPREENDEDOR NÃO É SER BOLADEIRO”

Para mim, comprar ali para vender acolá e inflacionar o preço não é ser empreendedor. Esta é a minha visão. Não tenho nada contra quem o faz. Compreendo, mas não o considero empreendedor. Empreendedorismo tem a ver com a capacidade criativa que a pessoa tem, de tal maneira que com o pouco que tem consegue transformar vidas; fazer a moeda girar e mudar uma sociedade, isso para mim é ser empreendedor.



Um empreendedor é um mobilizador de diferentes projectos sociais envolvendo crianças e jovens, sempre pelo viés da assistência humanitária. Conte-nos mais sobre essa sua paixão e suas acções enquanto activista e mobilizador literário.

“Para se ser grande é necessário apoiar os outros”

Sempre prestei e sempre prestarei assistência aos outros enquanto estiver vivo, esta é a missão que Deus me deu e sinto-me confortável em fazer o que faço, porque acredito que essas crianças e jovens também podem dar o seu contributo à nossa nação. Contudo, também é importante respeitar o nosso passado, a nossa história e honra.

Se quisermos ser grandes, precisamos compreender os mais velhos, apoiar os outros que não tiveram a mesma sorte que nós. Se estamos aqui, temos sorte. Há quem está numa cama de hospital e não tem saúde. E nós temos. Às vezes nem é sobre bens materiais, mas sobre o afecto. O simples passar o dia com essas pessoas já faz toda a diferença.

Não vai valer nada ter um lar de idosos de luxo e bonito, mas vazio. Ninguém os visitar e cuida. Nós somos bons quando tratamos bem as pessoas, e não quando alcançamos as nossas metas. Somos bons quando os outros beneficiam-se da nossa luz e trabalho. Fazemos a diferença quando isso acontece não com palavras, mas com acções.



Sendo um jovem que já alcançou grande destaque no meio social, avaliando o perfil da juventude actual, é possível dizer qual o perfil de adultos que teremos daqui a alguns anos?

“Muitos serão drogados, marginais e desempregados. A nossa sociedade está a perder valores”

Temos cada vez mais pessoas na prostituição. Jovens inclinados para a criminalidade e desempregados. Noto que estamos preocupados em gerar números de formados, mas em termos de qualidade, nada está sendo feito. Estamos apenas a formar pessoas em tempo recorde e deixamos a qualidade intelectual para à margem, isso é perigoso. Existe mais publicidade sobre álcool do que sobre livros de escola. Temos mais pessoas a fazer coisas negativas nas redes sociais do que a usá-las de forma positiva, por isso olho para a nossa sociedade e para a juventude com muito cepticismo, mas também é tarefa do governo olhar para essas coisas e criar soluções, assim como da família em melhor a educação em casa.

Os jovens com potencial chegam à adolescência e começam a perder-se.

Vejo muitos vídeos de jovens a banalizar coisas da juventude, ocupam-se de memes. Se olharmos profundamente, veremos que estamos a criar uma ferida social que futuramente poderá prejudicar-nos e custar muito caro à sociedade. Muitos jovens envolveram-se nos ataques em Cabo Delgado a troco de dinheiro. Então, há um conjunto de trabalho que precisa ser feito, desde a construção de valores morais até a defesa dos direitos humanos.

Quando bem orientada, a juventude é um verdadeiro motor que permite dinamizar a complexa engrenagem do planeamento económico de um país. Qual seria, na sua visão, a missão desta camada social para ajudar a impulsionar o desenvolvimento económico e inclusivo de Moçambique?

A cada ano, talvez um milhão ou dois dos jovens é que entram para o mercado de emprego. Não temos empresas capazes de absorver todos os jovens. Quando Covid-19 irrompeu, o mercado de emprego piorou. As políticas sobre inserção no mercado de emprego não são solidas. Os estágios são curtos. Há má formação nas instituições de ensino. A qualidade de educação é péssima e torna difícil a empregabilidade porque as empresas querem grandes profissionais.

“Em Moçambique existe um falso desemprego”

Na academia, a maior parte dos estudantes estuda para ter a nota 10 e passar. O ensino já é péssimo e a pessoa não se esforça para se superar. Ninguém pode obrigar as empresas a contratar pessoas não qualificadas.

Nós como jovens temos que parar de nos aglomerar na cidade de Maputo. Precisamos de jovens nas províncias. Há muito terreno fora das cidades que ainda não foi explorada. Os jovens precisam estar lá. Precisamos de políticas que visam descentralizar as oportunidades de emprego. Como nação, devemos ter um plano estratégico de médio e longo prazo. Às vezes sou mal interpretado por defender essa ideia, mas ela é necessária. Precisamos deixar um legado.

Essas situações condicionam o sonho de ter casa própria. Política de habitação é uma realidade em termos de documento, mas na prática assistimos a outra realidade. Como é que um jovem desempregado vai comprar uma casa de 100 mil meticais se os bancos não financiam? E como podemos falar de habitação quando ainda nem temos energia.

Falando sobre mercados africanos, principalmente PALOP, acha que há confiança suficiente entre os países para se tornarem verdadeiros parceiros de investimento?

É uma questão de prioridade. A nível do empreendedorismo e negócios, há um volume considerável de parceria, mas acho que ainda não atingimos o nível de afirmar estabilidade. Penso que ganhamos mais vantagem ao aproximarmo-nos da SADC. Moçambique está agora a iniciar o processo de Oil Gas, qual foi o contributo que Angola deu neste processo?

Não existe um volume aceitável de negócios entre estes dois países, mas é um país falante de língua portuguesa. Ainda estamos muito preocupados com os nossos países vizinhos. Se olharmos para a CPLP e os PALOP, ainda existe muito por explorar em termos de trocas comerciais. Por que não criar um banco da CPLP, por exemplo? Existe um enorme potencial e nós devíamos usar isso e os laços linguísticos. Espero que daqui a 10 anos tudo esteja a correr bem e com novas reformas políticas nestas organizações para que possam atingir outros patamares. Contudo, cada país olha para onde há mais benefícios. Moçambique olha mais para os PALOP do que para a União Africana.

Em jeito de últimas considerações, diria que seu próprio exemplo já estimula uma transformação social?

"As pessoas vão, mas o legado fica"

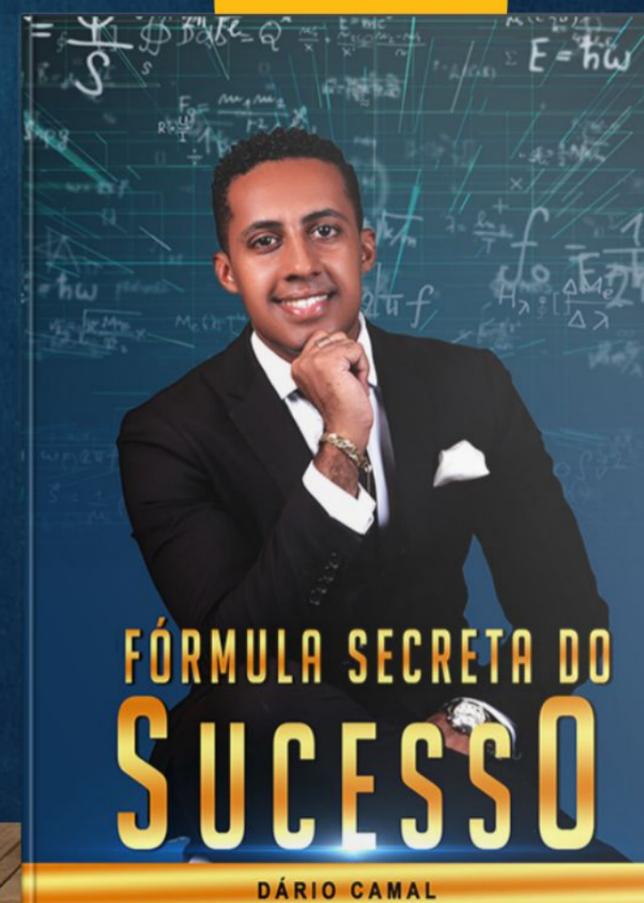
Fizemos o que devia ser feito em termos de nome e de currículo. Mas aquilo que impactei é muito mais valioso. Um dia Dário não estará presente, não mais será jovem, mas o legado ficará. Teremos preparado outras pessoas para dar a continuidade. Há pessoas a replicar o trabalho que temos feito. É bom ver pessoa a copiarem atitudes positivas e incentivamos os jovens a serem iguais ou melhores do que nós



FÓRMULA SECRETA DO SUCESSO

DÁRIO CAMAL

700mt



MAIS INFORMAÇÕES
WWW.DARIOCAMAL.COM



STARTUP GROWTH

JUVENTUDE COMO PROMOTORA DA INOVAÇÃO EM MOÇAMBIQUE



EUGÉNIO MULUNGO
DIRECTOR GERAL



HÉLDER COSSA
DIRECTOR FINANCEIRO

“Enquanto o governo não mudar de postura quanto à agricultura, vamos continuar a perder jovens para as cidades, o crédito e mais coisas” - Hélder Cossa

Segundo o último censo realizado pelo governo, nas zonas rurais de Moçambique, a agricultura familiar é constituída essencialmente de pequenas explorações, concentrando cerca de 99 % das unidades agrícolas e ocupando mais de 95 % da área cultivada do país. O que ilustra, de forma razoável, o potencial que o país tem para o ramo agrícola.

Quase todos os anos, as universidades graduam jovens para a agricultura, acrescentando o número de factores que conspiraram para o sucesso da área em Moçambique.

No país, 25 milhões de cidadãos são jovens no intervalo entre 15 e 29 anos. Segundo os membros fundadores da consultora para assuntos da área agrícola “Bindzu Agrobusiness, Hélder Cossa, Director Financeiro, Eugénio Mulungo, Director Geral” com o investimento e motivação certos, a juventude estaria a revolucionar a agricultura em Moçambique, sendo necessário, primeiro, que se torne o ramo rentável em termos de lucros, embora a actividade seja exercida para o auto-sustento.



Para tornar a prática da agricultura rentável, é necessário que se resolva uma série de assuntos ao longo da cadeia de valores, começando pelo mercado de insumos, aquisição de equipamentos modernos e sofisticados. Mas os preços do mercado são altos e dificultam, mais uma vez, que os jovens se profissionalizem na área.

O conhecimento científico é mais um ponto evidenciado pelos nossos interlocutores. Os jovens que trabalham na área agrícola, nas zonas rurais, carregam algumas técnicas de dinamização e melhoria das espécies, mas o seu conhecimento sobre a área é do senso comum, produto da experiência de vida, e não científico.

De acordo com os nossos entrevistados, deve-se

desenvolver políticas fortes para o sector da agricultura, por forma a incrementar a adesão e a motivação dos jovens para a área, assim como garantir o sustento dos sonhos e das vidas de quem aposta na agricultura. “Agricultura como indústria e não como meio de sobrevivência” apelaram os nossos interlocutores, lamentando que o governo ainda olha para a agricultura como uma forma de resolver a fome no meio rural. Essa perspectiva atrasa o desenvolvimento do país, uma vez que, se fosse acarinhada tal como é tratada a exploração do gás, exportaríamos mais produtos do que importamos. “Se for assim, ninguém vai chamar a juventude para olhar para agricultura, será natural, todos queremos trabalhar com projectos que dão retorno”.

**Academia como fonte de
impulsão da agricultura
profissional e comercial**

Uma ideia deixada nesta conversa pelas nossas fontes é o investimento e o aproveitamento da força juvenil nas academias, propondo como ideia, que, anualmente, se seleccionasse alguns estudantes dedicados e motivados a mudar a situação do país usando a agricultura e munisse-os de material profissional, capital e terreno para colocar em prática tudo o que aprenderam. Haveria aumento do consumo de produtos locais, porque a produção terá aumentado e com qualidade suficiente para se competir com outros países um pouco mais desenvolvidos nessa área. Esses estudantes começariam a sentir o impacto positivo da área que escolheram estudar no bolso. “Os jovens seriam independentes e aproveitariam as várias oportunidades que existem, uma vez que a agricultura não é só plantar”.

Além destes, há outros pontos que garantem a transição da agricultura de subsistência para a comercial. A nossa fonte propôs que se drenasse o capital investido actualmente na agricultura para profissionais da área, que devem ser encarregados de trabalhar na formação de agricultores locais, através de programas direccionados à produção e ao comércio



Talvez assim motivemos até aqueles que nem querem ser agricultores, mas o contexto socioeconómico não ofereceu outra escolha.

Precisamos de um ministério bem estruturado e de um mercado forte para caminhar ao sucesso

Em meio a tantas reclamações e sugestões, as expectativas são boas para este ano. É o segundo ano consecutivo em que o país assiste a uma campanha agrícola que conta com o apoio do Projecto Sustenta, um programa nacional de integração da agricultura familiar em cadeias de valor produtivas, que tem como o objectivo melhorar a qualidade de vida dos agregados familiares rurais através da promoção de agricultura sustentável, no ramo social, económico e ambiental.

Esperamos que o programa venha com mais vigor nos próximos anos e que todas as promessas sejam cumpridas, falando ainda sobre o projecto, Hélder Cossa e Eugénio Mulungo deixaram ficar mais uma fragilidade de alguns projectos do Estado. Eles manifestaram a sua insatisfação com projectos que carregam, na sua essência, metas políticas. Uma vez que o governo é cíclico, as iniciativas deveriam ser contínuas, de tal maneira que se desenhe políticas que não fiquem comprometidas com as alterações dos governantes. Deve haver políticas próprias do Ministério da Agricultura, e cada governante deve desenhar projectos que se alinhem para o mesmo objectivo final, sem precisar anular ou mudar o foco ou a estratégia do governante anterior. Isso também atrasa o desenvolvimento do ramo”, encerram os entrevistados.



CONSULTORIA AGRÍCOLA

SUSTENTABILIDADE E GARANTIA DE UMA BOA COLHEITA

NOSSOS SERVIÇOS



AGENTE
DE MERCADO



PRODUÇÃO DE
VEGETAIS E FRUTAS



VENDA E MONTAGEM
DE EQUIPAMENTO AGRÍCOLA



VENDA DE FERTILIZANTES
E PESTICIDAS

AMECON

Subida de preço de combustível empobrece o povo moçambicano



“Isso vai contribuir negativamente para o preço do dinheiro. Teremos menos pessoas a procurar por empréstimos bancários”.

PEDRO FREDERICO COSSA

Recentemente, a Autoridade Reguladora de Energia de Moçambique (ARENE) anunciou novos preços dos combustíveis, que já estão em vigor. De acordo com a nova tabela divulgada pela ARENE, o preço de gasolina por litro sobe de 69,94 meticais para 77,39 meticais. O litro de petróleo de iluminação aumenta de 47,95 meticais para 50,16 meticais e o de gasóleo passa de 61,71 meticais para 70,97 meticais.

O título deste artigo corresponde à reacção do economista moçambicano e Presidente da Associação Moçambicana de Economistas (AMECON), Pedro Frederico Cossa, em relação à subida dos preços de combustível, que aflige o bolso do cidadão.

À conversa com a Ndzila, o economista revelou um dos factores que influencia a subida do combustível em Moçambique. O país é importador deste produto, o que o coloca numa posição difícil no mercado internacional.

Por exemplo, neste momento, a “Rússia está em guerra. Por conta disso, o seu nível de produção reduziu devido às sanções impostas àquele país. Isso impacta de forma directa a nossa economia” e coloca em risco o sistema financeiro moçambicano, numa situação em que o Banco de Moçambique (BM) aumentou as taxas de juros em 2 pontos percentuais, enquanto os bancos comerciais subiram um pouco mais.

“Isso vai contribuir negativamente para o preço do dinheiro. Teremos menos pessoas a procurar por empréstimos bancários e, como é sabido, os empréstimos bancários têm sido a solução para muitos dos problemas dos moçambicanos”, declarou o economista.

A subida do petróleo causa subida de produtos alimentares básicos. Para minimizar estes impactos devastadores, a nossa fonte propõe a redução do valor das taxas sobre o combustível, de forma a aliviar uma parte da população que ganha salário mínimo e tem o seu estilo de vida comprometido.

Um outro ponto recomendado pela nossa fonte é a exploração e produção interna de recursos para que o país se livre da importação e das alterações do mercado internacional.

“O conflito Ucrânia- Rússia coloca em causa um dos maiores intervenientes do mercado de fertilizantes e de farinha de trigo, o que causa danos na agricultura. Por outro lado, compromete um dos maiores produtores de gás e petróleo”. De acordo com o nosso entrevistado, “as pequenas e médias empresas são os verdadeiros motores da economia; são as que mais empregam e criam oportunidades para outros jovens”. Neste sentido, aproveitar os recursos recém-descobertos em Cabo Delgado e apoiar essas empresas seriam uma óptima estratégia de ajudar os moçambicanos, porque essas empresas criam movimento económico nas vilas, províncias e cidades.

Pedro Cossa acredita que se pode subsidiar a agricultura e patrociná-la com os lucros da exploração de gás e petróleo em Cabo Delgado.

No sector dos transportes, a ideia da converter os carros a combustível para gás seria um grande investimento e valeria a pena, mas tudo depende do quanto o governo pretende gastar com essa reforma.

DESFECHO DAS NEGOCIAÇÕES ENTRE O GOVERNO E O FMI

“AGORA QUE O FMI VOLTOU, PRECISAMOS FAZER DISCUSSÕES QUE SEJAM MUTUAMENTE VANTAJOSAS”.

Recentemente, o Fundo Monetário Internacional (FMI), liderado por Álvaro Piris, visitou Moçambique entre os dias 14 a 22 de Março, para negociações presenciais com o Governo de Moçambique. Decorridas as reuniões, as partes envolvidas chegaram à conclusão de assinar um acordo para a implementação de um programa de reformas macro-económicas e estruturais com o apoio do FMI, no período 2022-2025, suportado pelo instrumento de financiamento alargado. Deste acordo, Moçambique passa a beneficiar-se de cerca de 470 milhões de dólares norte-americanos.

O programa tem por objectivo apoiar os esforços do Governo na implementação de reformas macro-económicas e estruturais que visam acelerar a recuperação da economia do país após sucessivos choques hidroclimatológicos e político-militares, com destaque para o impacto adverso da Covid-19.

No âmbito fiscal, o programa prevê acções políticas para o alargamento da Base Tributária e o reforço da Gestão das Finanças Públicas tendo em vista a melhoria da sustentabilidade da dívida pública e a gestão financeira do Estado, assim como o aumento da capacidade institucional para a monitoria de riscos fiscais.

Na implementação do programa de reformas, o Governo prosseguirá com medidas para o reforço da arquitectura institucional para a gestão eficiente das receitas decorrentes da exploração do gás natural.

O programa prevê ainda aprofundar as reformas em curso visando melhorar a estabilidade do sistema financeiro, fortalecer as acções no âmbito do combate ao branqueamento de capitais e melhorar os indicadores de inclusão financeira. Espera-se, igualmente, incrementar o espaço orçamental para os programas de protecção social e melhorar a sua eficiência.

Há previsão, por parte do Governo com a assistência técnica do FMI, de implementação de medidas políticas para o reforço da governação e transparência na gestão da dívida pública.

O acordo alcançado está sujeito à aprovação do Conselho de Administração do FMI, que terá lugar nas próximas semanas. Mas a implementação do programa terá início em Junho de 2022.

DESFECHO DAS NEGOCIAÇÕES ENTRE O GOVERNO E O FMI E PERSPECTIVAS PARA A ECONOMIA DE MOÇAMBIQUE NA VISÃO DE UM ECONOMISTA



“Todo cidadão espera que o governo faça bom proveito desse valor.

Esquemas de corrupção enfraquecem o país”

Ben Alcir Saisse

Para o economista moçambicano **Ben Alcir Saisse**, fazer um bom uso dos fundos disponibilizados seria um óptimo pontapé de saída para o governo, uma vez que a sua credibilidade já está reduzida, por conta dos últimos escândalos que o país vive. Para o economista, a divulgação do relatório de auditoria dos fundos disponibilizados ao Governo moçambicano, no âmbito da Covid-19, é algo que não devia ser exigido. O Governo moçambicano deveria sentir-se na responsabilidade de o fazer, pois “todo aquele que oferece ou empresta algo, quer ver óptimos resultados”.

Olhando para os aspectos positivos da retoma do FMI a Moçambique, a nossa fonte destaca o poder que será dado às pequenas e médias empresas, para que possam ajudar a população, visto que são essas que mais empregam e movimentam a economia ao nível local e nacional.

No leque de exigências feitas pelo FMI, destaca-se o requisito segundo o qual o governo deve criar reformas na massa salarial dos funcionários públicos, mesmo tendo um total de 13 % do Produto Interno Bruto (PIB) em massa salarial.

A nossa fonte acredita que a exigência é justa. Mas também é importante rever o custo de vida. Não se pode sufocar as pessoas para agradar a um investidor. O fim último de toda actividade económica “é garantir o bem-estar das famílias”, uma vez que, até então, o salário mínimo não é compatível aos gastos mensais do cidadão.

“Agora que o FMI voltou, precisamos fazer discussões que sejam mutuamente vantajosas, devemos ter vantagem nisso”

Sobre as isenções fiscais exigidas às multinacionais em Moçambique, segundo Bem Alcir, embora as isenções sejam feitas para atrair investimento, há que serem revistas, uma vez que nem todas as empresas necessitam de isenções. “Se monitorarmos devidamente, vamos perceber que os dividendos que eles tiram da exploração nem precisam de isenções” revelou a nossa fonte, com muita preocupação, visto que, por conta disso, os impostos são elevados para o cidadão moçambicano, quando lhe é retirado do salário mínimo.



Por outro lado, o Consultor Político, Bitone Viage sublinha que:

“É COM BONS OLHOS QUE VEMOS A RETOMA DO FMI A MOÇAMBIQUE, MAS EXIGIMOS UM SISTEMA TRANSPARENTE POR PARTE DO GOVERNO”.

Analista político Bitone Viage esclarece que o FMI nunca abandonou Moçambique totalmente. Alguns dos seus programas ainda estavam em funcionamento no nosso território. Este retorno recentemente anunciado é de ajuda em forma de espécie, uma vez que o apoio possui duas dimensões: a programática e a de financiamento directo ao orçamento do Estado. É um regresso louvável, visto que “o orçamento do Estado funcionava, mas com suas limitações, atendendo e considerando que 60 % do orçamento do Estado depende de ajuda externa. Logo, o Fundo Monetário Internacional é um actor estratégico e contribui de forma significativa por via do orçamento”.

Este contributo vai aliviar o sector empresarial que, por falta de apoio, sofreu alguns cortes financeiros, privando algumas actividades e limitando o orçamento. Em certos sectores, a falta de apoio colocou em causa as actividades do sector privado “porque já não tinham aquele incentivo dos fundos públicos, então, com esta retoma, saímos todos a ganhar”.

“As imposições do FMI estão em conformidade com o orçamento disponibilizado”

Uma das exigências do FMI para o seu regresso é que o governo crie reformas na massa salarial dos funcionários públicos, que representa 13 % do Produto Interno Bruto (PIB). Viage acredita que seja possível,



desde que o governo pense numa nova estratégia ou num novo modelo de definição dos salários. “O actual salário da função desde que o governo pense numa nova estratégia ou num novo modelo de definição dos salários. “O actual salário da função

Uma das críticas feitas ao governo nestes acordos tem a ver com as isenções fiscais a essas companhias. Bitone revela que as isenções minam o desenvolvimento dos Estados, porque é através do fisco que o Estado tem a capacidade de materializar as suas políticas públicas. Por isso, se há isenção para essas indústrias que actuam no sector extractivo, “estamos a dizer que, em parte, o próprio orçamento do Estado pode sentir-se lesionado. Não conheço um Estado que terá desenvolvido na base de isenções!”.

O Estado precisa garantir que os valores que recolhe das multinacionais sejam superiores aos das isenções, para que, no fim do dia, não tenhamos muitas taxas para os nacionais, “mas não acredito que, sem as isenções, o governo consiga materializar o programa quinquenal, económico-social, dentre outros”.

A possibilidade da existência de interesses políticos empresariais é uma pulga por trás da orelha de Bitone. Antes de qualquer investidor chegar a Moçambique, ele faz o seu trabalho de casa e estuda as oportunidades de ganhar muito investindo menos; escolhendo pessoas estratégicas para representar seus interesses no país.

Ao nível da tabela única, o gasto que o Estado moçambicano poderá ter anualmente representa cerca de 19 mil milhões de meticais. Olhando para PIB nacional, o consultor político encara como sendo uma conta gorda, o que o coloca sem perceber a parcela da sociedade que defende que tudo deve continuar como está, mesmo existindo uma parte lesada nisto tudo.

Defendendo que a introdução da tabela única seja uma proposta que vá erradicar a desigualdade dos salários dos profissionais, Bitone declarou: “não faz sentido que duas pessoas com o mesmo nível de formação recebam valores diferentes, por conta do sector em que estão”. Como consequência da introdução desta proposta, “poderemos constatar os profissionais mais motivados em todas as áreas, porque o salário tem esse papel. Mas resta saber, qual instituição será usada como modelo padrão”.

Defendendo que a introdução da tabela única seja uma proposta que vá erradicar a desigualdade dos salários dos profissionais, Bitone declarou: “não faz sentido que duas pessoas com o mesmo nível de formação recebam valores diferentes, por conta do sector em que estão”. Como consequência da introdução desta proposta, “poderemos constatar os profissionais mais motivados em todas as áreas,

porque o salário tem esse papel. Mas resta saber, qual instituição será usada como modelo padrão”. Mas, para que tudo funcione, Bitone repisa que Moçambique precisa de um sistema transparente e que funcione, porque a corrupção vem de baixo. “Olhemos só para os nossos bairros. O que houve com o dinheiro disponibilizado para ajudar as pessoas em tempos de pico da Covid-19? Qual foi o critério de distribuição daquele dinheiro? É isso que precisa ser trabalhado”, recomendou Viage.

Questionado sobre a atracção de investimento e a criação de estabilidade macro-económica no país, por parte do governo, a nossa fonte acredita que existe, sim, um esforço. O ambiente socio-político vivido na actualidade, o combate contra a corrupção e o julgamento das dívidas ocultas são algumas das estratégias de recuperação da confiança dos investidores.

“Não há nenhum Estado que, perante a corrupção, conseguiu manter-se estável economicamente. Com o julgamento de casos de corrupção, incluindo o grande caso e o mais escandaloso que acompanhamos até então, o governo mostra que está disposto a recuperar a confiança dos seus investidores, assim como a acabar com esta prática, porque sem a corrupção, a economia vai fluir com maior eficiência e eficácia”.

INSTITUIÇÕES POLÍTICAS EM ÁFRICA
EM PERSPECTIVA COMPARADA

1500mt

Instituições Políticas em África.
Em Perspectiva Comparada

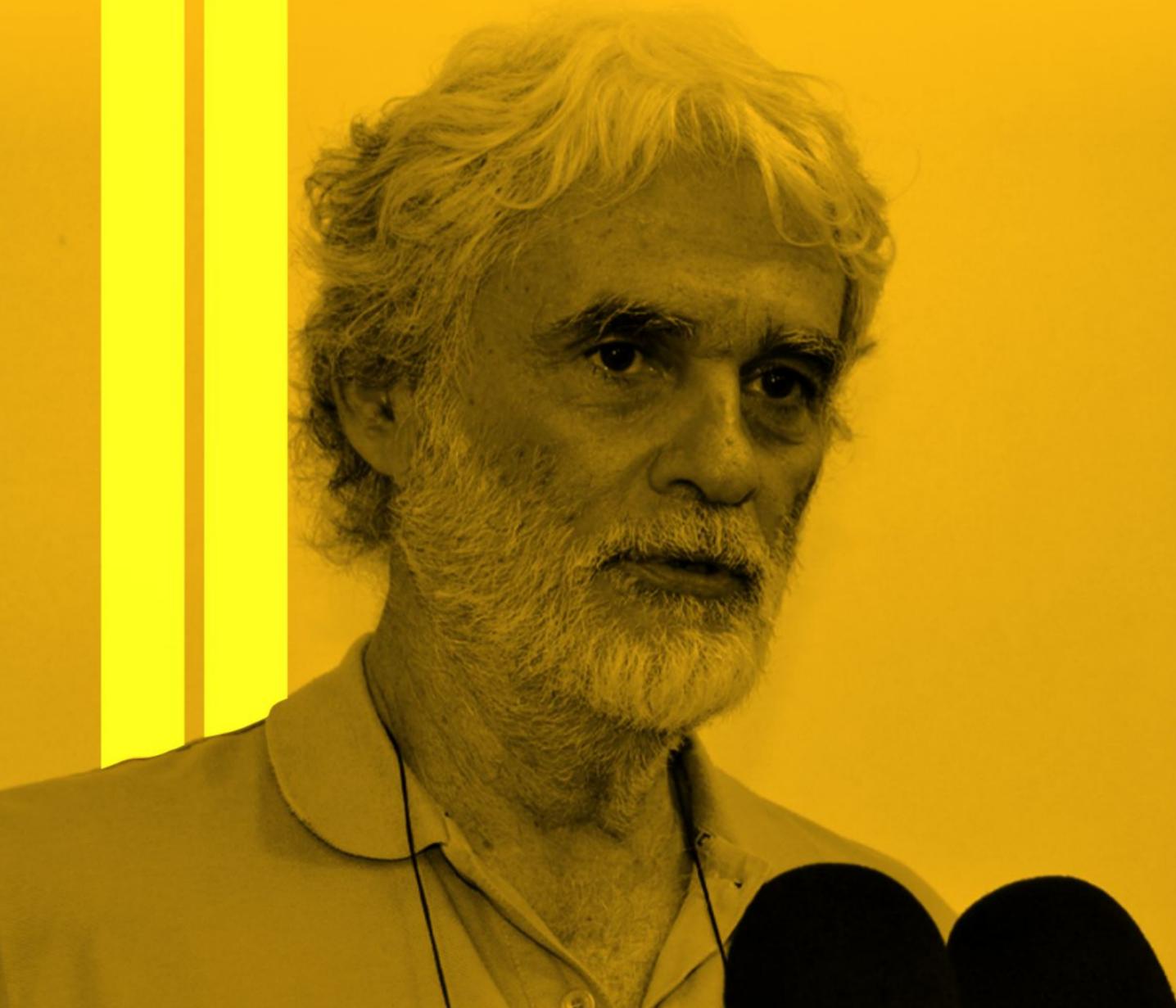
BITONE VIAGE

BITONE VIAGE - CONSULTOR POLITICO
87 276 5401 / 85 276 5401 - Bitonefelisberto@gmail.com

ENTREVISTA INFORMATIVA

JOÃO MOSCA, PROFESSOR CATEDRÁTICO E
DIRECTOR EXECUTIVO DO MEIO RURAL,

**CONSIDERA QUE NÃO EXISTE NENHUM
MODELO ADOPTADO PARA PROMOVER
A TRANSPARÊNCIA NA INDÚSTRIA
EXTRACTIVA EM MOÇAMBIQUE.**



Qual é o modelo adoptado para promover uma maior transparência ao nível de riqueza dos recursos naturais em Moçambique, e como é calculado?

Antes de mais, é importante que as nossas instituições, as relacionadas com o assunto, o Ministério dos Recursos Naturais, o das Finanças, que inclui o sector dos impostos e, também, o sector do orçamento de Estado, a Autoridade Tributária, tenham capacidade de fiscalizar o que as multinacionais referem no seu relatório de contas, porque, tomando como exemplo a Vale, nunca houve, pelo que se sabe, uma auditoria, para se saber se aquilo que eles declararam como não tendo lucros é legítimo e, por isso, não pagavam impostos, quanto, na verdade, havia manipulação contabilística.

Quanto à exportação, não havia capacidade para as alfândegas e a Autoridade Tributária saberem das quantidades que eram exportadas e qual era a qualidade das matérias.

Essas capacidades não existem de forma técnica, institucional ou legislativa. Ainda não temos juristas especializados nessa área. A própria lei do petróleo foi feita com total apoio dos juristas das multinacionais. Sabemos, ainda, que não podemos deixar alguém interessado fazer as leis que, depois, poderá escolher se quer cumprir ou não. É todo um processo de fiscalização sobre o processo de corrupção.

É frequente encontrarmos vários tipos e níveis de corrupção envolvendo recursos naturais, principalmente os energéticos. Estamos perante uma situação em que não há um modelo adequado para ultrapassar essa incapacidade das instituições e da falta de transparência dentro das instituições e do Estado.

O modelo a propor seria ter um Estado independente dos interesses económicos; um Estado que definisse com clareza o que é privado e o que é público, o que é do Estado e pessoal. Estes limites são importantes. Devemos adoptar um conjunto de práticas a serem aplicadas sistematicamente, para que as leis sirvam em defesa dos interesses do país e não das multinacionais.

Na sua opinião, quais são os principais desafios que implicam a capacidade técnica e operacional, de forma a viabilizar a implementação efectiva da Iniciativa de Transparência da Indústria Extractiva, em Moçambique?

Primeiro, deve-se ter gente capacitada, o que leva muitos anos. Não se pode aceitar a exploração dos recursos minerais e energéticos, sabendo que não temos essa capacidade.

Todos os riscos, que eram previsíveis, estão a acontecer numa proporção maior do que aquilo que era previsível. Precisamos formar técnicos de alto nível, com estágios em países onde não existem grandes dúvidas quanto à transparência, e que, dentro do Estado, essas pessoas não sejam anuladas ou politizadas, mas tenham, realmente, poder de intervenção e decisão, sem qualquer politização do assunto. Essa é a primeira questão. A segunda é criar reforma interna do Estado, de recente modernização, para que a influência da pessoa seja completamente anulada. Existem tecnologias para evitar isso, mas simplesmente não são introduzidas, porque não convém que assim o sejam. Finalmente, é necessário que as instituições de combate contra a corrupção o façam com eficácia e sejam independentes de políticas; que exista um sistema judicial, igualmente independente, para poder intervir em situações de anomalias e ilegalidade. São desafios muito grandes e difíceis, mas necessários.



Embora o país faça parte da Iniciativa de Transparência da Indústria Extractiva (ITIE), concorda que existe um vazio em relação à informação detalhada sobre diversos aspectos no âmbito fiscal, social, governativos e outros igualmente relevantes?

É claro que existe. Houve uma altura em que Moçambique esteve dentro desse assunto, mas agora voltamos à situação de clara falta de transparência, segundo as organizações internacionais.

Concorda que a cláusula de estabilidade fiscal, que consta dos contratos, pode servir para reduzir a habilidade do governo em rever os termos em circunstâncias inesperadas?

Existe uma forte resistência do governo em discutir os contratos sob vários pontos de vista: sobre os benefícios fiscais, sobre a aplicação da lei laboral, a capacidade do Estado em intervir em auditoria. Então, essa possibilidade de haver uma certa equidade, do poder negocial, é evidente que o Estado não possui. As multinacionais sabem disso e fazem dessa falta de equilíbrio uma vantagem.

Acha que a adesão à iniciativa de transparência da indústria extractiva pode gerar estímulos à entrada de investidores?

Alguns países, como a Noruega, consideram isso como importante, uma vez que não permitem que suas empresas de extracção de petróleo e de gás entrem em Moçambique por falta de transparência. Agora, se os próprios países não têm grande rigor em situações de corrupção, os países de origem dessas multinacionais também querem que o gás chegue a seus países o mais barato possível e que elas dominem o mercado internacional, sob pressão de políticas externas.

Pode sugerir um ranking das empresas mais transparentes a nível do sector extractivo na vertente fiscal, governação, social e ambiental?

Não conheço os detalhes desses aspectos a que se refere. Em qualquer caso, sinto dificuldades em encontrar uma empresa plenamente transparente, por conta da forma como são feitos esses negócios. Portanto, dificilmente eu chegaria a uma conclusão e encontrar alguma empresa para servir de exemplo.

Para terminar, em linhas gerais, qual é a sua visão sobre os desafios do quadro fiscal e gestão de receitas no sector de petróleo e gás, em Moçambique?

Primeiro seria termos a capacidade de as instituições da autoridade tributária e finanças em controlar as contabilidades internas dessas empresas calcular seus resultados. Segundo, termos a capacidade de perceber a qualidade e quantidade dos bens exportados. Por fim, o Estado deve ter a capacidade de fazer auditorias.

Fonte: João Mosca | Economista
Tema: Transparência na Indústria Extractiva em Moçambique.

F L O R

Flor de café



No seu alpendre rústico, preenchido de sofás de palha, orgulhosamente "Made in Moz", o Flor de Café oferece o local ideal para um pequeno-almoço refrescante e calmo em qualquer dia da semana ou, por outra, um copo descontraído com os amigos e os primos no fim de uma longa tarde de trabalho. Com um menu simples, porém diversificado e acessível, o Flor de Café serve desde saladas, massas e hambúrgueres à pratos do dia como feijoada, atum na brasa e strogonoff de frango. Mais do que alimentar o físico, o Flor de Café é o sítio a visitar para todo bom amante de arte, que poderá se deliciar na sua Galeria com rotação de exposições de artes plásticas e também com livros de escritores nacionais sempre à venda!

O QUE A SOCIEDADE PENSA?

01 *O conselho municipal aprovou, recentemente, taxas que os munícipes devem pagar para a realização de festas nas suas próprias casas. O que o munícipe pensa sobre esta lei?*

Carlos José – professor

É uma faca de dois gumes, tem seu lado positivo assim como negativo. Se olharmos para os benefícios para o cidadão comum, notaremos a redução da poluição sonora, por exemplo eu vivo ao lado de uma barraca, e todos os dias, principalmente no final de semana, é barulho que não acaba, não dá para suportar.

O lado mau é que inocentes também vão chorar, uma festinha de nada tem que pagar, assim fica difícil,

Paulo Samuel – comerciante

O país já tem muitas leis e regras, isso é só mais uma forma de comer dinheiro e privar as pessoas de trabalharem, ou de fazer festas. Já se viu aonde pessoa pagar para fazer festa, de verdade aqui na cidade já não é para nós.

Margarida Fumo – Estudante

Acredito que vai melhorar a vida dos munícipes, uma vez que não estão a proibir de fazer festa, é só uma taxa, igual a todas outras, se formos a olhar, isso vai ajudar a regularizar e a controlar exageros, o ser humano precisa de motivações para portar-se como deve ser, existem igrejas que toda noite, estão a gritar no micro, para quem não está acostumado aquilo é de mais, com essa lei, acredito que vão saber olhar para o relógio.

02 *Sabia que essa lei não só é verdadeira e está a ser implementada, mas ela foi aprovada há bastante tempo, em 2001?*

Paulo Samuel – comerciante

Infelizmente não sabia, mas acredito que se não foi aprovada antes, existiam motivos plausíveis.

Paulo Samuel – comerciante

Não sabia

Margarida Fumo – Estudante

Não sabia

03 Como acha que o conselho municipal deve gerir a questão da poluição sonora realizada nas festas?

Carlos José – professor

Com muita cautela e responsabilidade, espero que as pessoas delegadas não sejam corruptas, uma vez que é assim como as coisas funcionam nos últimos tempos, se tens dinheiro, é só pagar e o país é seu. Assim como os munícipes, devem perceber que essa é a nova forma de como cidade está organizada, mas acima de tudo que sejam muito cautelosos.

Paulo Samuel – comerciante

Espero que não tenham a mesma conduta de sempre, saber respeitar as pessoas, porque sabemos como é a nossa polícia municipal. Agora os munícipes, espero que sejam responsáveis e saibam respeitar as regras, porque sabemos que as pessoas gostam de fazer o que não deve, se para fazer uma festa até uma dada hora deve pagar uma taxa, melhor pagar, não façam confusão.

Margarida Fumo – Estudante

Ser responsáveis e pensar nos outros, mas acredito que se funcionar mesmo, as pessoas vão civilizar-se e agir de acordo com as regras estabelecidas. Teremos a cidade minimamente organizada quando a poluição sonora!

DEIXA AS TUAS REDES SOCIAIS NAS MÃOS DE PROFISSIONAIS

WWW.DIGI.CO.MZ



DIGI START PACK
8 700mt

DIGI COMMUNITY PACK
16 700mt

DIGI EXCELLENCE PACK
28 700mt



EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

De forma simples o que seria educação financeira?

DD: A questão da educação financeira nos dias de hoje tem saído dos conceitos empresariais e entrando nas famílias mais comuns, afinal, educação financeira nada mais é que poder usar as nossas rendas (o que ganhamos) da melhor maneira possível, usando uma parte para o consumo, outra para poupanças e parte desta para investimentos para gerar mais renda.

Sendo um tópico de interesse e que abrange a todos, de que forma a educação financeira pode ser inserida nas escolas?

Antes mesmo de introduzir a educação financeira nas escolas, acho pessoalmente que poderia ser partilhada esta questão com os pais dos educandos, de modo a que façam a ponte dos seus educandos. Esta partilha pode ser em um horário nas TV's públicas ou não, ou ainda com base em documentos, indo a pergunta, na medida em que os petizes já consigam contar, isto é, talvez a partir do terceiro ano de escolaridade e de forma gradual, onde posteriormente vá se intensificando tendo em conta a maturidade educacional.

Por que a educação financeira é um tema importante a ser trabalhado nas escolas e quais são as vantagens?

A educação financeira não deve apenas ser tratada nas escolas e sim em todos ambientes, seja formais ou não, familiares e outros. A importância de inserir o quanto mais cedo possível nos educandos a educação financeira, surge sobre o velho ditado "é de pequeno que se troce o pepino".

FINANCEIRA

FONTE: ECONOMISTA DR. DÁRIO DANIEL.

Que impacto pode ter a má gestão financeira na vida futura?

DD: A má gestão das finanças não só impacta em um futuro distante, assim como próximo. A princípio o facto de não gerir bem as finanças atrasa substancialmente o enriquecimento e o bem-estar financeiro, incluindo até vários sonhos que dependam de poupar hoje para conquistar amanhã.

O que fazer para que haja uma relação saudável com o dinheiro?

DD: O dinheiro garante melhores condições para o futuro, o que inclui o futuro dos nossos filhos, mesmo que não os tenhamos. No entanto, como é tudo há uma necessidade crescente de fazemos poupanças sob pelo menos 30% dos nossos ganhos, e de lembrar que esse processo pode decorrer desde os acúmulos diários, semanais ou mensais. Assim que as somas tornem-se significantes investe-se em algum pequeno empreendimento de modo a gerar mais renda tendo em atenção sempre aos gastos (poupar e investir primeiro).



CRÓNICA

EFEITO PSICOLÓGICO

O QUE TE MOVE...

Em todas as pessoas que conheço, o dinheiro tem um efeito psicológico que é influenciador dos actos que praticam.

Muitas das decisões tomadas por elas, em todos níveis da vida, têm sempre um condão financeiro, é esse que o considero- o efeito psicológico e que, subtilmente nos move.

A vida funciona mesmo assim, o dinheiro é uma energia externa e motivacional, por isso, somos assediados todos dias para nos tornarmos mais consumistas. Será que este é o futuro do qual esperávamos? Viver toda uma vida com o fito único de tornar-se rico? Segundo Motiliov, 1986, p.165 "Na história da sociedade humana houve tempos em que o dinheiro não existia e os homens não precisavam dele".

Dentro desta conformidade, na minha opinião, não é o dinheiro que nos faz ricos, todavia, a capacidade de acumular, gerar, dividir e doar, representa um grande sinal de inteligência em nós humanos.

Nos dias que correm, há uma tendência universal dos magos motivacionais impelirem-nos a sermos todos ricos, e sob os auspícios, dos actos dos bons samaritanos, doam a "pro bono", o seu tempo e conhecimento a casta dos semi-analfabetos financeiros, sobre como se pode abandonar o emprego e tornar-se no seu próprio patrão, no século XXI, uma voga em vigor.

Estaremos todos prontos para seguir tal empreitada? Amiúde, ao acessar as redes sociais, sobretudo o facebook, que para mim, é uma espécie de supermercado informal de teorias, ideias e escola de lideranças em negócios, tenho sido confrontado com algum evangelho financeiro.

É verdade que a nossa vida anda em torno duma espiral económica, pois todos os nossos interesses pessoais ou imateriais, directa ou indirectamente, atem-se neste domínio, totalmente imprescindível para evolução da sociedades.

Será que, quem não possui riqueza não tenha nada mais do que oferecer ou gozar da vida? Afinal de contas, o que move os que não detém riqueza material? Não creio que essas pessoas (eu incluído) passem a vida com os cérebros adormecidos e que não exista nenhum efeito psicológico que os mova, a não ser que, estejam em permanente entretenimento, um estado mental que permite obliviar onde querem estar e o que querem ser, nessa circunstância económica em que cada um de nós se encontra.

Por: Hélder Mangumo



TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIOS E VÍDEOS

Com profissionais de fonética e fonologia.



Comunique com sucesso!

NOTAS ECONÓMICAS

APROVADA REVISÃO DA LEI CAMBIAL EM MOÇAMBIQUE

Governo aprovou a proposta de revisão da Lei Cambial a submeter à Assembleia da República, a informação surge no informe da 14ª sessão do Conselho de Ministros, que se realizou no dia 03 de Maio, em Maputo.

Segundo escreveu o Jornal Notícias, a proposta de lei visa ajustar o regime jurídico vigente ao estágio actual de crescimento económico do País com o objectivo de reduzir a burocracia existente na realização de operações cambiais, tornando o mercado cada vez mais célere e alinhado com as mudanças tecnológicas a favor da fluidez do tráfego das relações comerciais internacionais.

O Conselho de Ministros apreciou ainda o relatório da visita de Estado do Presidente da República, Filipe Nyusi, ao Uganda, que decorreu entre 27 a 29 de Abril último, bem como o programa do Fundo Monetário Internacional (FMI) no que diz respeito às medidas acordadas. Na mesma sessão, foi também realizado um ponto de situação relativo ao programa do desenvolvimento do Compacto II com o Millennium Challenge Corporation (MCC).

A realização da VII edição da Feira Internacional de Turismo (FIKANI Moçambique) em Maputo, de 13 a 15 de Outubro próximo, e a situação de cólera nas províncias de Sofala e Zambézia bem como do sarampo nas províncias de Tete e Niassa foram também assuntos apreciados neste Conselho de Ministros.

JOSÉ CHICHAVA PREOCUPADO COM A MÁ GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS NO PAÍS

O economista moçambicano, José Chivava, mostra-se preocupado com a gestão dos recursos naturais no país, uma vez que existem poucas bacias hidrográficas para a conservação da água para ser usada na agricultura, desperdiçando alguns recursos naturais que o país dispõe em comparação com outros do continente africano.

O alerta e a insatisfação foram realizados no dia de hoje, 12 de Abril, durante uma conversa entre o economista e a Nzila, onde deixou ficar os desafios que coloca para Moçambique. Segundo revelou, Chivava, o governo tem desperdiçado um grande potencial hidrográfico, uma vez que devia dispor de rios e lagos, cheios a todo o ano, facto que dá vantagem quanto à produção agrícola.

“Devíamos investir na agricultura, porque é um negócio que nunca vai morrer, as pessoas sempre vão precisar de comer, e temos tudo para dar certo, nossos solos são férteis em comparação com Botswana, que tem grande terreno infértil, mas consegue auto sustentar-se”

O economista, usa também o exemplo da China, que foi capaz de criar um rio, para irrigar suas plantações e gerar riqueza, e uma vez que a água é um recurso escasso investe na purificação da água do mar.

“Estamos a esquecer que a base da vida, e a água e a uma coisa útil, desenvolvimento é investir em algo útil”

A visão futurista de Chivava, e virada a garantia a criação de herança patriótica, para que as próximas gerações consigam dar continuidade do que já foi feito, e não estudar formas de recuperar o que foi perdido.

A direcção das Linhas Aéreas de Moçambique ainda não tem um plano para a reestruturação da dívida e espera que venha do IGEPE. Nas suas habituais visitas às empresas públicas e participadas pelo Estado, a Comissão de Plano e Orçamento da Assembleia reuniu-se, recentemente, com a direcção da LAM para ouvir dela que estratégias serão aplicadas para tirar a empresa da falência técnica há muito assumida.

Mas o que acontece na verdade, é que a LAM não tem controlo, sobretudo no que diz respeito à dívida. Na visita que a mesma Comissão efectuou ao Instituto de Gestão das Participações do Estado, foi noticiado que a LAM tem uma dívida avaliada em sete mil milhões de Meticais. E é sobre isso que a LAM não sabe o que fazer.

“Parte dessas dívidas temos estado a pagar, mas o grande volume dessa dívida não estamos a conseguir sanear, porque ainda não temos um plano de reestruturação, mas estamos a trabalhar com o IGEPE para reestruturar a dívida para fazer o pagamento em prazo mais longo e depois suportar essa dívida com os nossos próprios recursos”, explicou o director-geral da LAM, Pó Jorge, depois do encontro com os deputados.

Vale lembrar que Pó Jorge foi empossado em 2018, na altura, com a clara missão de salvar a LAM em três anos, o que não aconteceu e a culpa é atribuída a Covid-19, uma vez que em 2020 as receitas da empresa caíram em 72%.

Meio a tudo, a direcção pretende até 2030, contar com 21 aeronaves. E enquanto isso não acontece, segura as rédeas com o Embraer, a espera dos Boeing (12) e Bombardier Dash (9), que até lá serão descontinuados. Outro sonho é entrar nas rotas há muito não exploradas pela LAM, como Lisboa e Dubai.

Os Emirados Árabes Unidos (EAU) esperam, a curto prazo, ver incrementadas as trocas comerciais com Moçambique, segundo informou o encarregado de negócios na embaixada dos EAU em Moçambique, Muinde Abucara.

Segundo o mesmo, as condições para o efeito estão criadas, visto que recentemente os dois países assinaram instrumentos jurídicos que vão impulsionar as trocas comerciais, a protecção recíproca dos investimentos, entre outros acordos cruciais para garantir a segurança nos investimentos.

Mais adiante, Muinde Abucara disse aos jornalistas, na cidade da Matola, província de Maputo, que os instrumentos rubricados entre os países representam um passo para o incremento das trocas comerciais que, nos últimos sete anos, ascenderam a mais de 3,1 mil milhões de dólares

A fonte garantiu estar previsto, para os próximos dias, a realização de fóruns de negócios e visitas de prospecção de oportunidades de investimentos entre empresários dos dois Estados.

MOÇAMBIQUE LUCRA 20 MILHÕES DE DÓLARES COM VENDA DE ACTIVOS DA VALE



Moçambique vai encaixar 20 milhões de dólares de mais-valias com venda dos activos da brasileira Vale à indiana Vulcan, disse em Maputo o ministro dos Recursos Minerais e Energia moçambicano.

Carlos Zacarias, que falava no final de um encontro entre o Presidente moçambicano, Filipe Nyusi, e representantes da Vulcan, avançou que as duas empresas e a Autoridade Tributária (AT) de Moçambique estão em negociações visando uma clarificação definitiva do valor a pagar ao Estado moçambicano pelo negócio.

“A Autoridade Tributária, o vendedor e o comprador estão em discussões para a clarificação do valor real a pagar”, destacou.

No âmbito da operação, a multinacional indiana vai realizar investimentos nas minas e componente logística que da Vale, mantendo igualmente os postos de trabalho, acrescentou.

O ministro dos Recursos Minerais e Energia adiantou que o destino provável do carvão a extrair das minas será as fábricas de aço da Vulcan na Índia.

No final de Abril, a Vale anunciou ter concluído a operação de venda de activos na exploração de carvão em Moçambique à indiana Vulcan Minerals, um negócio de 270 milhões de dólares.

“A Vale comunica que concluiu no dia 25 de Abril de 2022 o processo de transmissão responsável da operação de Moatize e do Corredor Logístico de Nacala para a Vulcan Resources, com base no acordo vinculativo da venda de activos”, anunciou em Dezembro, referiu a Vale Moçambique, numa nota à comunicação social.

As minas ficam situadas na província de Tete, centro de Mo-

-çambique, e, segundo a Vale, a transacção obedeceu às condições definidas por lei.

A Vale esteve presente em Moçambique por 15 anos, tendo explorado a mina de Moatize e 912 quilómetros de ferrovia no Corredor Logístico de Nacala para o transporte de carvão.

No início de 2021 a empresa anunciou a pretensão de “desinvestir dos seus activos de carvão” e apostar em “mineração de baixo carbono”.

Palavras-chaves: 17 milhões, Governo, estradas, Binar, serviço

GOVERNO PRECISA DE 17 MILHÕES DE METICAIS PARA REABILITAR ESTRADAS EM NIASA

As autoridades governamentais do distrito de Mavago na província do Niassa, estimam em cerca de 17 milhões de meticais, o valor necessário para custear os trabalhos de reabilitação das principais vias de acesso destruídas pelas chuvas que recentemente caíram naquela região.

De acordo com Domingos Binar, director substituto do Serviço Distrital de Planeamento e Infra-Estrutura de Mavago, a disponibilização do montante poderá viabilizar a execução de trabalhos que consistirão na colocação de aquedutos e pontões nas vias de acesso que neste momento não oferecem condições de transitabilidade segura por se encontrarem num estado lastimoso.

Segundo a fonte do Notícias, a plataforma das vias de acesso terraplanadas carece de reposição de solos que foram arrastados pelas águas da chuva, agravada pela circulação de viaturas pesadas que transportam produtos florestais pertencentes aos operadores do sector madeireiro, entre outros.

O Governo central através da Administração Nacional de Estradas (ANE), aloca anualmente aos distritos um montante estimado em 2 milhões de meticais destinados a financiar trabalhos de manutenção preventiva de vias de acesso, contudo, Domingos Binar não mostra optimismo quanto a possibilidade do governo distrital em conseguir mobilizar os 17 milhões de meticais para investir no melhoramento das vias de acesso.

Refira-se que, as autoridades provinciais de governação descentralizada no Niassa estão empenhadas neste momento na mobilização de recursos financeiros para custear a execução de trabalhos de reabilitação da estrada que parte do cruzamento de Majune, em Mecualo, para a sede distrital de Mavago, por se considerar que a alternativa para garantir transitabilidade segura naquele troço de cerca de cem quilómetros é a sua asfaltagem.

PORTAL DE EMPREGO



ANÚNCIOS DE VAGAS

A Empresa Moçambicana de Seguros (EMOSE) pretende recrutar para o seu quadro de pessoal cinco (5) Gestores de Vendas, baseados na Cidade de Maputo.

OBJECTIVOS

- O Gestor de vendas é responsável pela angariação de novos clientes e retenção do portfólio de clientes existentes, com o objectivo de aumentar vendas e a quota de mercado.

RESPONSABILIDADES

- Vender Seguros;
- Garantir que os clientes alocados na carteira sob a sua gerência recebam um tratamento adequado;
- Compilar proactivamente relatórios de venda numa base semanal, mensal, trimestral, semestral e anual;
- Avaliar as tendências do mercado e recomendar SVA (Serviços de Valor Acrescentado);
- Avaliar as tendências do mercado e recomendar SVA (Serviços de Valor Acrescentado);
- Aumentar o negócio e a receita através da venda cruzada e promoção de produtos e serviços;
- Manter a carteira do cliente;
- Garantir novos seguros e constante renovação da carteira existente. Principais Indicadores de Desempenho
- Volume de vendas mensais (Receita);
- Angariação de novos clientes;
- O cumprimento da meta de receita de acordo com os critérios estabelecidos pelo plano de actividades;
- Retenção de clientes - acima de 80%; • Redução de saneamento e extornos. Competências Essenciais, Conhecimento e Experiência
- Forte capacidade de negociação e influência;
- Capacidade para a produção de relatórios estruturados;
- Capacidade de análise e resolução de problemas com os clientes;
- Espírito criativo e inovador;

- Proactividade. Outras Aptidões
- Foco e zelo
- Espírito de equipa
- Capacidade de trabalhar sob pressão.

REQUISITOS

- Licenciatura em Gestão, Marketing ou equivalente;
- Flexibilidade e foco estratégico;
- Habilidade analítica;
- Capacidade de interagir com outros sectores para o alcance dos resultados desejados;
- Excelente habilidade de comunicação escrita e verbal;
- Domínio da língua Inglesa é uma vantagem;
- Capacidade de Planeamento e Organização;
- Boa apresentação e cordialidade
- Alto sentido comercial.

EXIGÊNCIAS

- Documento de Identificação;
- Carta de Apresentação
- Curriculum Vitae;
- Certificados de Habilitações Literárias.

PROCESSO DE CANDIDATURA

- **Endereço:** Av. 25 de Setembro, Nº1383, 3º Andar, porta 308 - Maputo
- **Validade:** 25/05/2022 **Local:** Maputo

A Empresa Moçambicana de Seguros (EMOSE) pretende recrutar para o seu quadro de pessoal oito (8) Vendedores de Seguros para exercer as suas actividades na Cidade de Maputo

REQUISITOS

- Licenciatura em Marketing, Vendas ou áreas relacionadas;
- Experiência profissional em Venda de Seguros;
- Orientação para qualidade, resultados e satisfação do cliente;
- Capacidade de trabalhar sob pressão e em equipa;
- Excelente habilidade de comunicação escrita e verbal;
- Conhecimento de informática na óptica do utilizador;
- Idade compreendida entre os 21 e 35 anos;
- Domínio das línguas Portuguesa e Inglesa (fala e escrita).

BENEFÍCIOS

- Remuneração compatível com a função
- Bom ambiente de trabalho
- Plano de Saúde.

EXIGÊNCIAS

- Documento de Identificação;
- Carta de Apresentação;
- Curriculum Vitae;
- Certificados de Habilitações Literárias;
- Cópia da Carta de Condução.
- Curriculum Vitae;

PROCESSO DE CANDIDATURA

- **Endereço:** Av. 25 de Setembro, Nº1383, 3º Andar, porta 308 - Maputo
- **Validade:** 25/05/2022 **Local:** Maputo

A NDZILA AGRADECE AO APOIO E COLABORAÇÃO DE:

